

O Solar

JOSÉ RENATO PRATA

intransitiva
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

O Solar

José Renato Prata

No princípio eram lágrimas e gritos de ai. Ai. E eu nasci, naquele rebuliço que é o nascimento, meu segundo filho, ganhei mais um neto, olha só o bebê dela.

Tem aquele período entre o parto em que nós próprios somos neonatos e o dia em que começamos a nos lembrar de tudo. Nossa própria pré-história. Inenarrada, imemorável. Depois disso, vêm as pequenas coisas. E, com elas, os pequenos baques que nos moldam para o resto de nossas vidas.

Nem vi passando o tempo de que não me recordo e, quando dei por mim, estava meu pai me chamando. Acorda que temos que ir. Eu me levantei, com aqueles olhos remelentos de criança.

A sala estava cheia de malas. Meus pais haviam se arrumado com aquela elegância dos anos 90. Era madrugada, a parte mais fria do dia, em que o céu ainda está escuro. Eu adoro essa parte do dia, porque me parece cheia de promessas para o amanhecer. Ou passei a adorar a partir daquele dia, porque não havia nada antes dele.

Já no vestibulo da minha casa - sim, minha casa tinha um, onde se reuniam pais e bagagens, tudo se preparava para sair. Lembro-me de uma televisão velha e quadrada, ligada num canal que mostrava o velório de um homem famoso.

Olha a tevê que seu tio está lá, é ao vivo, ele era amigo do morto. Velório e caixão logo naquela hora do dia, a morte é tão triste. Por que as pessoas morrem?

Meu pai me pegou pelos ombros, se abaixou à minha pouca altura e perguntou, olhos nos meus olhos: Você tem certeza que quer ir? Nós não te levaremos a viagem inteira, você sabe que é só até a casa de suas tias.

Eu era esperto. A criança mais esperta daquela rua cheia de crianças bobinhas e pobres. Estava quase aprendendo a ler, inclusive, e sabia até rezar direito, algumas orações de cor. Eu sabia que, se conseguisse fazer meus pais me tirarem de casa, eles não teriam coragem de me deixar em tia nenhuma. Se eu fosse com eles, iria. E não era para ficar no meio da viagem. Eram meu pai e minha mãe, eu precisava deles. E é claro que eles entenderiam.

Sim, pai, eu vou. Tenho certeza. Nós já vamos sair? Vou desligar a tevê, não gosto de velórios, são muito tristes.

Nem vi passando o tempo de que eu não me recordo e quando dei por mim estava meu pai me chamando. Acho que dormi a viagem inteira e lá estávamos parados na porta da casa das minhas tias. O dia estava pronto e amanhecido e o sol estava quente. Tão quente e eu lá dentro daquele carro.

Desci. Entrei. A casa velha, onde entravam mais pessoas do que luz e a mesa estava sempre servida com boa comida. Meu pai conversava com minhas tias explicando a nossa situação. Eu deveria ficar ali por alguns dias. Eles não podiam me levar e eu não queria ficar na minha cidade. Minha mãe ouvia, encostada na parede, alheia.

Deixaram-me. No carro, foram embora, só os dois. E me largaram na casa das tias, como se deixa um apêndice, um vaso de violetas. Papai tinha câncer e teria que ir para aquela outra cidade se tratar e minha mãe ia atrás, como de praxe, para cuidar dele. Mas quem cuidaria de mim?

Quatro tias, quatro velhas marias. Na falta de filhos e maridos, eram mães de quem precisasse. Terços, novenas, adorações, catecismos e pregações. Sem falar nas visitas repetitivas de um vigário hoje, um bispo amanhã. Mas eu amava as tias. As quatro não tinham filho nenhum. E eu, tão pequenininho, daquele dia em diante não tinha nem pai nem mãe. Então nós aprendemos a nos amar, com um amor que só os órfãos e as beatas entendem.

A casa era velha, lembrança de outros tempos. Um casarão cheio de histórias, da minha família e da dos outros, onde morou e criou seus filhos o Visconde, avô do meu avô. Ouvi minhas tias contando que ele tinha escravos e ia para a fazenda de terno e chapéu. Ficava da janela dando ordens até cansar. Deixou de herança a casa velha, uma boa coleção de louças de prata e muitos transtornos familiares, como “eu sou melhor que os outros” ou “eu tenho o sangue azul”. Azul. Mentira. Era vermelhinho que nem os outros. Inclusive sangrava, adoecia e matava.

Nas paredes, lembranças penduradas de outros tempos que eu não vivi. Retratos de outros tios e avós para sermos iguais a eles. Fotos de santos, imagens da bíblia. Como Santa Terezinha, que sempre me impressionou. Era tão novinha, foi para o convento e virou santa. E eu ali chorando porque meu pai tinha câncer e minha mãe me deixou para ir cuidar dele, diziam as tias. E depois ligavam a tevê e me traziam o almoço.

No começo foi bom. Se eu tinha um pai doente e uma mãe brava, agora eu tinha quatro tias que eram só minhas e faziam muita coisa por mim. Levavam-me à missa onde outras velhas beatas comentavam como eu estava grande e bonito, parecia meu pai. Além da boa comida, da tevê e das poucas ordens do tipo não faz bagunça ou come feijão. Porque eu odiava feijão.

Eu só ficava quietinho. Sentado numa poltrona rechonchuda de couro preto, assistindo uns programas em que eu não achava graça. Televisão, relógio, eu só esperava o tempo passar e aquilo acabar. Mas, quando acabava, começava de novo. De novo, de novo, o mesmo ou outra coisa igual. Às vezes, alguém vinha ver o que eu fazia e perguntava por que eu estava tão tristonho.

Eu não estava tristonho. Estava esperando alguém vir me buscar. Eu amava minhas tias, mas ali não era meu lugar, de jeito nenhum. Eu tinha um pai e uma mãe, e minha mãe me adorava. Ela me batia, às vezes, mas só porque eu precisava. Meu pai também era legal. Colocava-me em cima de seu pescoço e passeava pela casa como se fosse um cavalo. Era óbvio que eles me buscariam. Logo eu, que obedecia todo mundo e ia à missa sem reclamar.

De repente, tudo ficou ruim. Percebi que eu estava ali e que aquela era minha realidade. Ninguém me buscaria por um bom tempo. Não era só uma visita à casa velha das minhas tias velhas. Mais que isso. Bem mais que isso.

Parei de comer. Não respondia mais ninguém. Ficava paralisado, como as imagens das igrejas. Tentativas inúteis vinham de todos os lados. Levaram-me para andar de ônibus pela primeira vez. Também em uma loja de brinquedos e, vai lá, pode comprar o que quiser. Trouxeram até a empregada lá de casa para cuidar de mim, porque eu gostava dela. Mas eu não dava a mínima. Para nada.

Então eu descobri um sentimento muito novo. Alegria, tristeza, raiva, medo, vergonha, fome, frio, eu conhecia um pouco de cada. Mas agora era diferente. Eu senti solidão. Ainda estava entendendo como me equilibrar sobre minhas pernas ou como falar sem tropeços com gente grande e já sabia o que era solidão. De um jeito forte, assim, que um passeio de ônibus, um brinquedo novo ou mil outras pessoas que me distraíssem não era o suficiente. Havia me tirado minha mãe e meu pai de mim. Os primeiros, que estavam ali desde o começo. Alguém os tirou de mim. Ou será que eles se retiraram?

Não sei se era verdade ou não, mas eu me sentia abandonado. E, na vida, o que é real é o que a gente sente. Nisso, a gente chora, depois fica com raiva. Mas, no fim, não chora nem fica com raiva. Só fica ali sentado, na poltrona de couro preto, pensando por que, o que eu fiz de tão errado para que eles não me quisessem mais.

Eu era só uma criança. Como um menino Jesus, guardado numa caixa triste e escura esperando o Natal chegar. Um menino de rua, preso num asilo de beatas que tinham mortos os seus sonhos. Eu queria brincar. Queria fazer barulho com outras crianças da minha idade, sair correndo até não conseguir mais, deitar no chão e ficar rindo com a barriga para cima.

O retrato do Visconde na parede não desgrudava os olhos de mim. Um olhar de cobrança, como quem pergunta ríspido qual seria meu propósito ali, no seio daquela família tão honrada. O que eu pretendia, afinal? Seria um fraco, um aventureiro? Ele não, não foi abandonado pela mãe.

Pelo menos eu não tenho escravos, pensei. Mas fiquei calado, vai que ele ainda voltava para acertar as contas comigo.

E eu, tão pequenininho, ali naquela casa cheia de gente velha, coisas velhas. Era uma solidão muito forte, eu só queria que alguém me abraçasse de verdade e dissesse eu vou cuidar de você. Mas as pessoas só sabiam rezar e comer. Ninguém se olhava nos olhos nem dizia coisas importantes.

O Natal estava chegando. Mais missas e mais novenas para rezar. Na missa, eu pedia perdão pelos meus pecados, mesmo sem saber direito o que era isso e se eu tinha algum. Mas eu gostava de cantar.

Na sala de visitas, foi improvisada uma árvore enorme, muito maior do que eu, com luzinhas, bolas vermelhas e uma estrela na ponta. Também tinha um presépio, com bois, carneiros, os três reis magos, Maria e José. O menino Jesus ainda não, porque ele aparecia só na noite de Natal, junto com os presentes.

Minhas tias me chamaram para ajudar com a decoração toda. Desenrolar o pisca-pisca, colocar os animaizinhos no presépio, essas coisas. Parecia divertido, nós cinco ali e eu fazendo coisas de adultos. Senti-me útil e importante. Esqueci a coisa ruim que me dava de repente.

Pronto. Arrumamos. Então anoiteceu, ficou escuro e veio uma tristeza bem grande. Deixei as coisas ali e voltei para a sala da poltrona. Fiquei sentado esperando. Eu era criança, tinha muito tempo ainda. Alguma coisa aconteceria. Alguém acabaria chegando. Talvez se eu dormisse, para não ver o tempo passar.

Cada vez mais quieto, deitado, eu comecei a rezar baixinho, para ninguém ouvir. Pedi desculpas a Deus, aquele homem sério e barbudo que vivia no céu azul, por ter sido mal-educado tantas vezes. Desculpei-me por falar palavrão, por pedir que meu pai comprasse tanta coisa e por desobedecer minha mãe.

Então eu juro que o vi, passando rápido e cintilante, pelo corredor escuro. Era Deus, eu acho, porque estava falando com ele. Pensando agora, não sei se era real. Mas o medo sim, era. O medo de que minha mãe morresse, de que ninguém viesse me buscar. O medo de que todo mundo ficasse

doente. Seria só eu ali, para cuidar de tudo, inclusive de mim mesmo. Uma criança sozinha no mundo, abandonada com um deus azul e o retrato do seu tataravô.

Esqueletos. Rosários. Brasões. Tudo coberto de poeira. Nada tinha sentimento. Quem cuidaria de mim?

Debaixo do céu há momento para tudo e tempo certo para cada coisa. Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para calar e tempo para falar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para isso, tempo para aquilo. Tempo, tempo...

Fiquei me lembrando disso tudo e repetindo na minha cabeça. Mas o que era? Seria o sermão de algum padre ou algo que eu li na bíblia infantil, versão ilustrada? Não sei.

Cada coisa a seu tempo. A obrigação da paciência e a promessa da esperança. Tudo ficaria bem e, mesmo se não ficasse, haveria um paraíso depois. O céu das crianças boas e obedientes. Das que rezam antes de dormir. E, de novo, quando tudo parecia dormente e esquecido, meus pais vieram e voltamos para casa.

Machucado por dentro, com medo. As paredes revelavam enormes rasgos que comprometiam toda a casa. Um pai estranho com o outro. Brigavam o tempo todo. Meu pai, agora são, estava quase sempre bêbado e gritando com minha mãe. Eu já não acordava com carinhos e avisos de viagem. De noite, quando a luz da lua e as corujas velavam meu sono, o que me despertava eram gritos, o tempo todo, todas as noites.

Meu pai já não estava doente, se curou com um tratamento estranho naquela cidade inacessível. Por um tempo não podíamos nem chegar perto dele, algo a ver com iodo e coisas radioativas.

Não aguentava mais ver meu pai deitado na rede da varanda, dando ordens e sendo hostil. De vez em quando ele ficava bravo e me batia também. Sem motivos, só para mostrar que era maior que eu e que eu era menor que ele. E minha mãe não fazia nada. Dizia para eu esperar. Mandava-me rezar. E até me colocava de castigo às vezes, quando estava do lado dele e queria agradar aquele homem tão estranho a mim.

Mas há tempo para tudo, para chorar e sorrir. E para esperar. Esperar outro tempo chegar para que nesse também se fique à espera. E eu rezava para que ele não demorasse.

E apesar de tudo, ele ainda não veio. Nem os três reis magos, que traziam presentes e entendiam as estrelas. Nem um menino Jesus, deitado de braços abertos na sua cama de capim.

Talvez meu tataravô visconde tivesse razão. E eu sou fraco, fraco demais para estar aqui. Mal encaixado num mundo que não é meu. Como a poeira nas rugas das minhas tias. Quatro tias, quatro marias.

Sobre o autor

José Renato Prata é mineiro, do interior, bem do interior de Minas Gerais. Formado em Direito, advoga ocasionalmente, mas gosta mesmo é de Literatura. Não fala, devaneia, e, quando acordado, sonha sempre com histórias improváveis e com um mundo um pouco menos ruim.